

**UM PAINEL DE AZULEJOS NO MUSEU REPUBLICANO DE ITU:
A GUERRA AOS BELICOSOS PAIAGÜÁS, NA SETECENTISTA VILA DE ITU
HONRA AO VALOROSO ITUANO ANTÔNIO BORRALHO D'ALMADA**

Manoel Valente Barbas

Resumo: *Apresentação de dois documentos primários que trazem luzes ao episódio histórico ituano do século XVIII, da guerra aos belicosos índios Paiaguás, homenageado por um painel de azulejos no saguão de entrada do Museu da República de Itu, SP. Resgata-se, também, a memória de Antônio Borralho d' Almada, valorosa personagem histórica daquela cidade.*

Abstract: *Presentation of two original manuscripts which shed light on the eighteenth century Itu's men battles against the warlike Paiagua indians. These battles are honored in a mosaic in the lobby of the Republic of Itu Museum. The article also relays the memory of Antonio Borralho d'Almada, a highly-regarded historic figure of Itu.*

OS AZULEJOS DO SAGUÃO DO MUSEU REPUBLICANO DE ITU: No Museu Republicano “Convenção de Itu”, em seu vestíbulo, Affonso de Taunay que então dirigia o Museu Paulista (mais conhecido como “do Ipiranga”) ao qual o Ituano estava (e ainda está) anexado, fez cobrir as paredes do saguão de entrada de azulejos representando os principais feitos históricos ligados a Itu e aos seus valorosos cidadãos. Assim ele descreve as suas intenções e realizações:

“E como vissemos azulejado o frontispício do Museu, entendemos que tal decoração poderia vantajosamente ser feita por azulejamento das paredes do vestíbulo. Tal serviço se concluiu em quatro anos e terminou em fins de 1945....”¹.E continua, mais adiante:

¹ TAUNAY, Afonso de E. *Guia do Museu Republicano “Convenção de Itu”*, Distribuição do Departamento Estadual de Informações, 1946, p. 11.

“Assim oferecem as paredes de tão vasto vestibulo notável superficie a ser aproveitada para fins decorativos. Tal decoração instantemente a reclamava o caráter da instituição instalada no vasto casarão, já quase octogenário.” (estava-se no início da década de 40).

Dos inúmeros painéis que fez então produzir, um deles é que nós propomos comentar: “COMBATE DE UMA MONÇÃO COM OS ÍNDIOS PAIAGUÁS NO SUL DE MATO GROSSO (1740)”. Continua Taunay, explicando os painéis introduzidos no sobradão onde implantou o Museu Republicano:

“É fato muito sabido que as monções de Porto Feliz a Cuiabá sofreram terríveis assaltos dos belicosos e valentíssimos índios do Sul de Mato Grosso, sobretudo dos paiaguás, ou canoieiros e dos guaicurús”. E, depois de tecer comentários sobre vários embates, descreve o painel: “No primeiro plano, à margem de um rio a que estão canoas abicadas, vêem-se os paulistas deitados no solo e atirando contra os índios que de arcos retesados vêm chegando em igaras. No fundo, bela paisagem de densa vegetação”.

Tivemos a felicidade, em nossas pesquisas no Arquivo do Estado de São Paulo, de descobrir dois documentos que ilustram a importante ação dos ituanos setecentistas, na guerra contra os beligerantes índios canoieiros paiaguases, sem que merecessem, no entanto, o reconhecimento da Coroa Portuguesa, que só tinha olhos nos resultados, mas não em quem e por quanto os obtinha.

Eis, portanto, os dois documentos referidos acima que ilustram a participação ituana na guerra contra o temível paiaguá que ameaçava o caminho paulista para as minas de ouro de Cuiabá:

1 ° DOCUMENTO: Carta do Padre Manoel Nunes Henriques ao Conde de Sarzedas: Em 1732, o Padre Manoel Nunes Henriques, clérigo presbítero do hábito de São Pedro, natural da cidade do Porto e assistente na Vila de Itu, escreve para o Conde de Sarzedas, Capitão General Governador da Capitania de São Paulo, por duas razões: para denunciar o Juiz de Fora Antônio Monteiro de Mattos, que desviara ouro das Minas de Cuiabá e para pregar contra a ida de ituanos combater os índios paiaguás que infestavam os caminhos para as mesmas minas. O cronista Francisco Nardi Filho, em sua Obra “A CIDADE DE ITU”² traz a biografia do referido Juiz de Fora, dizendo que ele

² NARDY FILHO, Francisco. *A Cidade de Itu*, São Paulo, 1950, vol. III, p. 59 – “Juizes de Fora de ITU”.

fora nomeado pela Carta Régia de 27-FEV-1731 e que fora boa autoridade que muito auxiliara o Conde de Sarzedas na organização de expedição de guerra contra o gentio paiaguá. E que a este Juiz faz o governador honrosas referências, sendo que por provisão de 17-MAR-1731 o nomeia provedor das fazendas dos defuntos e ausentes, capelas e resíduos da Vila de Itu. Pela carta ora citada, emitida logo a seguir, deduz-se que a conduta do Juiz de Fora estava em pleno desvio. Esse Juiz de Fora foi transferido para Paranaguá, em 10-DEZ-1734, onde houve minas de prata, no entanto, posição bem mais modesta do que a que ocupava, então. Citamos estes fatos para que o leitor tire suas próprias conclusões, face à história oficial bajulatória e os documentos originais da época que vêm esclarecer como realmente os fatos se sucediam.

2º DOCUMENTO: OFÍCIO DA CÂMARA DE ITU PARA O CONDE DE SARZEDAS: Transcrevemos a seguir um ofício da Câmara de Itu para o Capitão General Governador da Capitania de São Paulo, conde de Sarzedas, em 26-DEZ-1732, que bem mostra o espírito rebelde que reinava na Vila, a respeito da direção alienada do governo português:

“Aos vinte e seis do corrente por ser dia assinalado e de concurso mandamos convocar ao povo para que os que quiserem ir a Guerra dos Payaguazes que assinassem em lista na forma que V. Exa tem ordenado; vários dos convocados responderam que ainda que estavam prontos para seguir aquela conquista, com tudo recusavam assinar-se na Lista em a razão de forte representante (sic) incognito o Cabo dela, insinuando tacitamente com esta repugnância o desejarem por Cabo filho da terra, em quem concorra a ciência prática e experimental em semelhantes empresas que é muito alheia da especulativa militar praticada no Reino. Isto é o que nesta materia tem havido, V. Exa ordenará o que for servido. Pela mesma Lista que nos comunicou o Coronel Regente desta Vila mandamos notificar a todas as pessoas, em cujas posses se acham os pareceres para que V. Exa na sua nos ordene. A pessoa de V. Exa guarde Deus muitos anos. Candelaria em Camara 26 de dezembro de 1.732. De V. Exa humildes suditos Antonio Borrallho d’Almada, João Gago (Luiz) Francisco Sampayo”.

Nota-se, por este ofício, o problema com o qual se deparava a população da Vila de Itu, na época: convocados para a guerra contra os paiaguás, o bravo povo ituano não se negava a ir. Mas tinha ressalva contra o comandante que haviam escolhido para ele. O documento é claro quanto ao Cabo de Guerra designado pelo governo ser um português, afeito às táticas reinóis de combate, o

que deixava os possíveis combatentes ituanos temerosos, uma vez que a guerra seria contra os nativos da terra, ferozes, manhosos, com um feitio próprio que não se enquadrava com o modo tradicional de combate europeu. Affonso de Taunay³ diz que esses índios paiaguás “*eram canoieiros, sempre embarcados, sem domicílio certo, corsários de rio abaixo e acima, emboscados nas voltas dos rios, autores de grandes danos aos brancos.... No manejo das flechas e lanças mostram-se dextríssimos e desferiam vários tiros (arremessos) enquanto os bandeirantes davam um único.....Extraordinários nadadores, avançavam nas canoas e atravavam-se à água, inclinando uma borda do barco para lhes servir de broquel (escudo) contra as balas. Subitamente tornavam a endireitar a canoa e a fazer novos disparos. Se compreendiam que não podiam vencer a resistência dos brancos alagavam os barcos, mergulhavam, e antes de passar muito tempo tornavam a desalagá-los, fugindo com tal velocidade que pareciam ter asas*”. Embora não dê para entender perfeitamente esta manobra de “alagar e desalagar canoas”, talvez manha de camuflagem, vê-se por aí que os ituanos tinham razão em temer um comando não afeito a essas táticas nativas de guerrilha. Certamente, pereceriam se fossem rebatê-las com “*a especulativa militar praticada no reino*”!

Muito interessante é de se observar que este cidadão, Antônio Borrvalho d'Almada, que assina o ofício da Câmara de Itu, em 26-DEZ-1732 é o mesmo que estava em Cuiabá, em 1726, quando da visita do Capitão General Rodrigo César de Meneses àquelas paragens.

A VIAGEM DO CAPITÃO GENERAL RODRIGO CÉSAR DE MENESES A CUIABÁ, EM 1726/1727: Era este Rodrigo César de Meneses Capitão General Governador da Capitania de São Paulo (de SET-1721 a AGO-1727), muito bem relacionado na Corte Portuguesa, bastando citar ser ele irmão do Vice-Rei do Brasil (desde 1720), Conde de Sabugosa, filhos ambos de Luiz César de Meneses, antigo Governador do Rio de Janeiro e após Governador Geral do Brasil. Fidalgo cheio de atitudes, dizeres e manobras políticas que deixava transparecer em suas cartas a Sua Magestade D. João V, Rei de Portugal. Em uma destas cartas, tece elogio aos paulistas que traduz bem o que era esse heróico povo para os governantes, embora não recompensado pelas benesses reais⁴: “*Os paulistas realizam feitos extraordinários, em prol do real serviço, gastando o pouco que*

³ TAUNAY, Afonso de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas*, Edição do Museu Paulista, 1949, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Tomo Décimo, Terceira Parte, pp. 34 e 35.

⁴ TAUNAY, Afonso de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas*, idem, idem, tomo 10º, Terceira Parte, p. 165.

tinham e arriscando a vida a fim de demonstrarem a lealdade de vassalos". Um seu desafeto deitou-lhe uma frase ferina procurando defini-lo: "*em quem só descobrira uma qualidade - a de não ser larápio*"⁵. Sabedor de que sua Magestade gostaria de que ele fosse às Minas de Cuiabá, mostrar a face do poder, Rodrigo César se preparou (com pouca vontade) durante muitos meses e muitas cartas, ofícios e proclamações, acabando por embarcar em uma monção, no Porto de Araraguaba (Porto Feliz), em 16 de julho de 1726 e chegando a Cuiabá em 15 de novembro do mesmo ano. Imagina-se o alvoroço e lucros que essa expedição proporcionou a Itu, por onde passou, tanto na ida quanto na volta. Basta citar que tal expedição chegou a Cuiabá com 308 canoas (sendo que 23 eram apenas para o pessoal do governador) e mais de 3 mil pessoas, sem contar com as perdas de viagem que foram grandes. Logo após a volta, despachou-se para o Reino um carregamento de mais de dez e meia arrobas de ouro (184,7 quilos), procedentes dos reais quintos cuiabanos⁶.

Assim se vê na "História Geral das Bandeiras Paulistas, Afonso de Taunay, tomo décimo, 3ª parte, pág. 192: "**(Rodrigo César de Meneses) Chegando a Cuiabá encontrou a Antonio Borrvalho de Almada e disposto a uma expedição tendente a explorar as cabeceiras dos Porrudos (atual rio São Lourenço, MT, afluente do rio Cuiabá) em pesquisa de jazigos auríferos e com o intuito de descer gentio de paz. Recebeu a aquiescência do General a tal projeto. Proibiu Rodrigo a quem quer que fosse ir àquele Sertão, sob pena de prisão e a multa imensa de quatrocentos mil réis (Docs. Int. 23, 108)**".

Mais tarde declarava o General que a escolha de Borrvalho se devera ao fato de se saber quanto era inteligente, valoroso e capaz. Examinasse, com todo o cuidado, os ribeiros que lhe parecessem auríferos e tivessem particular cuidado em descobrir pedras de cevar. Quanto ao temível gentio, procurasse por meio de pombeiros **(negociante ou emissário que atravessa os sertões comerciando com os indígenas)** atraí-los de paz, prometendo-lhes aldeamento confortável e bom trato por parte de seus administradores!

Vê-se com que consideração tratava o poderoso Rodrigo César de Meneses a esse Antônio Borrvalho d'Almada! E, no entanto, não é este destacado na historiografia de Itu; não se lê o seu nome na "Cidade de Itu", de Francisco Nardy Filho, livro primeiro e fundamental da crônica ituana. É de pensar que

⁵ TAUNAY, Afonso de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas*, idem, idem, tomo 10º, Terceira Parte, p. 177.

⁶ TAUNAY, Afonso de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas*, idem, idem, tomo 10º, Terceira Parte, p. 176.

seja ele quem Silva Leme ⁷ chama de Tenente Coronel Antônio Pedroso Borrallho, filho de João Borrallho de Almada ⁸ e de Maria Leme de Alvarenga, que se casara em Itu, em 1706, com Maria José, filha do Capitão Paschoal Delgado Lobo e de Izabel Cubas Ferreira. Este Antônio Borrallho teve uma filha, casada em Cuiabá, com o filho do capitão mor de Itu, Manoel Sampaio Pacheco, que ocupou este cargo em meados do século XVIII. Pela filiação, pela idade e passagem por Cuiabá, crê-se que este seja o mesmo Antônio Borrallho d'Almada a quem Rodrigo César tratou com tanta deferência. Infelizmente, uma personalidade desta, no dizer do General, “*inteligente, valoroso e capaz*” perdeu-se na história de Itu! A não ser, recentemente, o autor S. Angelo Zini, em sua obra “Ytu”⁹, faz rápido comentário sobre essa personagem.

HONRA A ANTÔNIO BORRALHO D'ALMADA: Honra, portanto, a este valoroso ituano que ficou esquecido nos fastos ituanos. Duplamente valoroso: por ser inteligente, empreendedor e corajoso, dispondo-se a enfrentar com seus próprios recursos os perigos existentes nas matas pouco exploradas de Mato Grosso, na pesquisa de “jazigos auríferos”, no combate ao índio bravo e na “descida de índios de paz”; e por ter coragem, na austera época em que vivia, de liderar movimento que se opunha a ida ao sertão, de forma despreparada, pondo em risco os combatentes de Itu, em expedição comandada por dirigentes que não entendiam das estratégias e táticas nativas, das artimanhas indígenas e perigos locais e se valiam de estratégias e táticas de combate européias, alienadas das realidades nacionais. **HONRA, POIS, A ANTÔNIO BORRALHO D'ALMADA!**

⁷ SL, vol. 6º, p.359, item 4-1, de 3-8.

⁸ TAUNAY, Afonso de E. *Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas*, S. Paulo/ Cayeiras/ Rio de Janeiro: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1926. Esta obra dá João Borrallho de Almeida (sic), em 1684? (sic), nas proximidades de Potosi, famosa mina de prata da Bolívia.

⁹ ZINI, Scarpin Angelo. *Ytu – História de ITU*, Itu: Ottoni, 1995, p. 37.